

OPACIDADES CORNEAIS (*FLORIDA SPOTS*) EM CANINOS E FELINOS ATENDIDOS NO HOSPITAL DE CLÍNICAS VETERINÁRIAS DA UFPEL: DESCRIÇÃO DE CASOS CLÍNICOS

SPRANDEL, Lucimara¹
GASPAR, Luiz Fernando Jantzen²

1 INTRODUÇÃO

A córnea é um disco côncavo-convexo circular transparente e avascular composto por tecido conjuntivo, células endoteliais e membranas basais. Tem como função proteger os conteúdos oculares internos e transmitir e refratar a luz para uma visão perfeita.

“Florida Spots” ou Ceratopatia da Florida é uma diminuição dessa transparência da córnea impedindo uma perfeita refração da luz em alguns pontos causando uma visão levemente embaçada, não causando grandes alterações (Figura 1). Ela acomete cães e gatos, e ave (MONTIANE, 2004) foi assim chamada porque os primeiros casos foram observados em gatos na região Sudeste da Florida, USA. As opacidades corneanas são parecidas com algodão, arredondadas, cinzas ou branca acinzentadas, felpudas, de tamanhos variados de diâmetro de 1 a 8 mm, radialmente simétricas e tipicamente são múltiplas e pode ser uni ou bilaterais.

Elas ocorrem tanto no cão como no gato de climas quentes (tropical ou subtropical).

A lesão corneana é visível como uma opacidade grande, levemente espalhada com um centro mais denso que a periferia. Estas opacidades ocorrem em vários níveis em todo o estroma corneano; no entanto, a maioria deve ocorrer no estroma anterior. (GELLAT, 2003, SLATTER, 2005).

Foram feitos vários estudos na procura do agente causador, mas nada foi concluído e sim que possivelmente a lesão tenha sido causada pela luz ultravioleta, sendo assim um agente físico e não infeccioso. Foram analisadas córneas afetadas, mas não foi isolado nenhum microorganismo patogênico, mas suspeita-se do *Rhinosporidium* (fungo) ou uma micobactéria ácido-rápido dentro das lamelas de colágeno (GELLAT, 2003, SMITH, 2006). Através do histopatológico simples foi diagnosticado *Rhinosporidium*. No exame ultra-estrutural da córnea afetada foi observado vacúolos contendo material amorfo e organismos semelhantes a bacilos (bastonetes) característicos de micobacteriose, os quais foram coradas positivamente com a coloração de carbolfucsina Ziehl-Neelsen.

De acordo com Slatter (2005), a causa destas opacidades corneais é de origem desconhecida e apresentam caráter auto-limitante.

O diagnóstico é baseado na localização geográfica e nos sinais de opacidades focais ou múltiplas no estroma anterior da córnea sem irritação ou inflamação e o definitivo esta baseado na histopatologia onde se observa uma resposta inflamatória com infiltrado de neutrofílico e mononuclear (SMITH, 2006).

A *Flórida Spots* é assintomática. Os animais não apresentam sinal de dor ou desconforto que indicariam irritação do globo ocular (GELATT, 2003 ; SMITH, 2006) e também a visão também não é afetada significativamente. O epitélio

corneano está intacto, e os valores do teste de lágrima de Schirmer estão dentro dos limites normais (SLATTER, 2005).

Portanto não há inflamação na córnea.

Por isso não há resposta aos corticosteróides ou aos agentes antibióticos e sendo aparentemente autolimitantes. (SLATTER,2005)

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

DESCRIÇÃO DOS CASOS CLINICOS

No período de janeiro de 2008 a julho de 2009 foram atendidos no Hospital de Clínicas Veterinárias da UFPel, Pelotas-RS 3 caninos e 3 felinos SRD com opacidade corneal bilateral, apresentando visão aparentemente normal e olhos sem sinais de inflamação ou dor. Dos seis animais atendidos, cinco (três caninos e dois felinos) eram domiciliados em uma residência campestre apresentando uma relação próxima de convívio diário.

Rotineiramente os animais foram submetidos a um exame clínico geral seguido exame oftálmico específico. Este exame constou de inspeção de conjuntiva ocular, palpebral, terceira pálpebra e da córnea, seguidos do teste lacrimal de Schirmer, teste da fluoresceína e fundoscopia mediante o emprego de oftalmoscopia direta.

Dentre os animais atendidos (caninos e felinos), todos eram animais sem raça definida (SRD). Dos três felinos, dois eram fêmeas e um era macho. Todos caninos atendidos eram machos.

Dos caninos, o macho com 3 anos possuía 3 a 4 manchas opacas em ambos os olhos, o outro com 6 anos tinha 5 manchas em cada olho com 3 milímetros cada, a fêmea com 8 anos possuía uma mancha de 5 milímetros no olho direito e 3 manchas de 3 milímetros no olho esquerdo.

Dos felinos, a gata com 3 anos possuía 3 manchas variando de 2 a 3 milímetros em cada olho,

O macho com 5 anos possuía 3 manchas variando de 2 a 3 milímetros no olho esquerdo e 2 manchas de 3 milímetros no olho direito,

O outro gato com 6 anos possuía uma mancha de 5 milímetros no olho esquerdo.

De um modo geral os animais apresentaram opacidades corneais bilateralmente. O número de pontos de coloração cinza por globo ocular variaram de 1 a 5 pontos com distribuição uni ou multifocal, radialmente simétricos, variando de 2 a 5 milímetros de diâmetro.

Ao final do exame oftalmológico os animais também foram submetidos coleta de material da superfície corneal para a realização de cultura e possível isolamento de bactérias ou fungos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No exame clínico geral, os animais apresentavam todos os parâmetros fisiológicos normais e também no hemograma.

No exame oftalmológico, apresentaram sinais compatíveis com Ceratopatia da Flórida, pois havia opacidade da córnea.

O epitélio se apresentava íntegro, não havendo sinal de inflamação e dor e a visão preservada, teste da lágrima de Shirmer mostrou padrão de absorção normal (12-25mm) e teste da fluoresceína negativa (Figura 2). Não houve crescimento bacteriano ou fúngico no meio de cultura do material coletado.

O fato de que cinco dos seis animais examinados serem do mesmo proprietário e que este residindo numa propriedade rural, onde esses animais viviam livremente em contato direto se induz a pensar na possibilidade de o agente etiológico causador dessa ceratopatia ser um agente transmissível.

4 CONCLUSÕES

Apesar da doença aparentemente não causar déficit visual e desconforto aos animais, a sua etiologia é ainda desconhecida, devendo, portanto, ser continuamente investigada para que possivelmente se encontre tratamento porque sendo as lesões facilmente visíveis causam grande preocupação aos proprietários desses animais que cada vez mais zelam pelo seu bem estar.

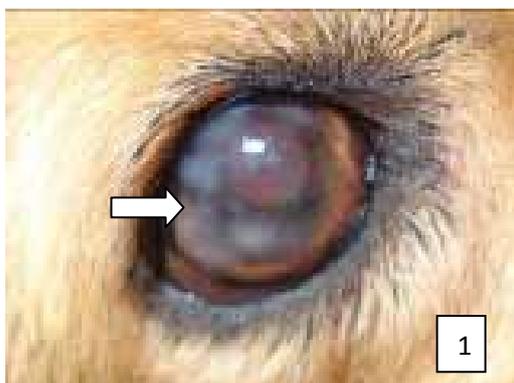


Figura 1 – Flórida Spots (seta) em um cão.



Figura 2 – Não impregnação por Fluoresceína (seta) em felino.

5 REFERÊNCIAS

GELATT, K.N. Doenças e cirurgia da córnea e esclera do cão. In: **Manual de oftalmologia veterinária**. São Paulo: Manole, 2003. cap 7, p.125-164

GELATT, K.N. Oftalmologia felina. In: SLATTER, S. **Manual de oftalmologia veterinária**. São Paulo: Manole, 2003. cap. 12, p.295-336.

LAUS, José Luiz; ORIÁ, Ariane Pontes. Doenças corneanas em Pequenos Animais. In: www.redevet.com.br - Acesso em 25 de agosto de 2010

MONTIANI, F.F.; PACHALY, J.R. Relato de Flórida Spots em ave, 2004. In: www.tabajo.unipar.br Acesso em: 25 de agosto de 2010.

SLATTER, S. Córnea e esclera. In: **Fundamentos de oftalmologia veterinária**. São Paulo: Manole, 2005. cap. 11, p.283-338.

SMITH, R. IE. The cat with abnormalities confined to the córnea. In: RAND, J. **Problem-based feline medicine**. Toronto: Elsevier Saunders, 2006. cap. 60, p. 1233-1253, 1479 p.